

A PÓS-MODERNIDADE À LUZ DA FILOSOFIA SARTREANA

Silvana Maria Santiago

Doutoranda em Educação pela FAGED/UFC
Professora do Curso de Filosofia da UERN/Campus Caicó
silvanamariasantiago@yahoo.com.br

Resumo:

Partindo de uma pesquisa acerca da noção moderna-contemporânea de dualismo, mais especificamente da dicotomia corpo e mente cartesiana, intento com este texto refletir sobre algumas das consequências implicadas quando do reconhecimento e acolhimento da complexidade como marca do 'real' e do conhecimento. A escolha da forma ensaística de escrita, por sua vez, é a tentativa de ser coerente com a lida com o complexo, remontando ao estilo iniciado no século XVI por Montaigne e, acatado em seu espírito por Nietzsche. Dentre os diversos tópicos relevantes a uma aproximação com a complexidade destaco neste artigo: a importância da transdisciplinaridade; a análise crítica do modelo e dos critérios da clareza e distinção impingidos à verdade pelo pensamento de Descartes; uma ruptura com o posicionamento que supõe existirem saberes neutros e plenamente objetivos; pontuo a necessidade de que seja problematizado o modo filosófico/acadêmico contemporâneo de redação e produção do conhecimento; os efeitos sociais da disseminação da dicotomia; a defesa da filosofia e da ciência como ficções; além das demandas éticas inerentes à aceitação da complexidade. Por se tratar de um ensaio, o artigo não pretende esgotar os significados, e sim ampliá-los ao fornecer algumas possibilidades de leitura e compreensão acerca de uma filosofia da complexidade. Ao final de todo o percurso, todos os esforços filosóficos de 'Ensaio de complexidade' se canalizam na esperança de que ele possa servir como catalisador de diálogos.

Palavras-chave: Complexidade. Verdade. Ficção. Modernidade.

Abstract:

Taking as a starting point a survey about the modern-contemporary dualism, more specifically the Cartesian dichotomy between body and mind, this text intends to reflect on some of the consequences involved when complexity is recognized and accepted as a mark of reality and of knowledge. The choice of the essay as a form of writing is the attempt to be consistent with the reasoning that deals with the complex. The writing of philosophical essays date back to the 16th century, when it was inaugurated by Montaigne and, several centuries later, accepted in its spirit by Nietzsche. In this article, among the various topics relevant to a rapprochement with the complexity, I highlight the following: the importance of transdisciplinarity; the critical analysis of the truth model and criteria (clarity and distinction) as proposed by Descartes; a critic of the position that assumes that there are neutral and knowledge fully objectives; the problem related to the way modern/contemporary philosophy circumscribe the academic writings and the knowledge production; the social effects of the spread of dichotomy into daily life; the defense of philosophy and science as fictions; and, the ethical demands inherent on the acceptance of complexity. Because it is an essay, the article is not intended to exhaust the meanings, but improve them by providing some possible reading and understanding on regard to a philosophy of complexity. Finally, all philosophical efforts of 'Essaying Complexity' are joint on the hope that it can serve as a catalyst for dialogue.

Keywords: Complexity. Truth. Fiction. Modern Age.

Introdução

A filosofia de Sartre pode ser considerada como um pensamento de ruptura e um gosto pela apostasia. Está claro pela análise hermenêutica de seus textos que apontam como uma escrita marginal quer nas suas entrevistas, nos fragmentos epistolares, nos diários e roteiros. Sua ideia contém elementos que antecipam metodologias adotadas por uma estética “pós-moderna”, tanto na filosofia de Lyotard quanto pela sociologia de Bauman. Meu interesse nessa investigação é apresentar a liberdade em Sartre como uma ideia demarcatória da pós-modernidade, ou seja, de um tempo em que não é mais possível depositar confiança nas ideologias, pelo contrário, esse tempo é notoriamente o da desconfiança. Isso significa o descrédito na ciência, no estado, na política, na religião etc. Então, Sartre propõe uma via diferente daquilo que já se tinha dito antes. Sua filosofia é marcada pela noção evidente do sujeito livre e responsável pelas escolhas que faz. Inicialmente minha análise se enveredará pela busca desse projeto de liberdade, que embora se constate que tudo esteja destituído de sentido, o homem pode encontrar o sentido em si próprio, e na construção desse projeto. A liberdade é o modo de ser do homem será o meu ponto inicial. Procurarei também entender como Sartre analisa a consciência que reivindica para si a responsabilidade de criar e dar um sentido a existência como ideia do Ser-Para-si e o Para-si dos valores. É fundamental considerar que autor concebe o homem não como um ser acabado, mas continuamente por se fazer, sem estabelecer-se definitivamente, mas renovando-se e assumindo-se a cada momento. No entender do filósofo, “o existente petrifica-se em ser, e deixa de existir”, então, para existir é crucial optar pelo vir-a-ser, do contrário, o homem não seria “liberdade”, mas “ser”, não seria fluidez, mas facticidade, não seria “Para-si”, mas “em-si”.

A liberdade é o modo de ser do homem

O problema da liberdade é retomado pelo francês Jean-François Lyotard e o sociólogo Zygmunt Bauman a partir da perspectiva sartreana de que a liberdade é fundamento sem fundamento. “Nenhum de nós pode estar certo/ a de que adquiriu o direito a algum lugar uma vez por todos, e ninguém acha que sua permanência num lugar, para sempre, é uma perspectiva provável (BAUMAN, 1997, p. 118).

Lyotard e Bauman caracterizam a velocidade das mudanças econômicas, tecnológicas e culturais sob a designação genérica de “pós-modernidade”. Bauman define o mundo como

incerto, incontrolável e assustador. Daí subsiste a universalidade do medo, da troca, da ordem pela busca da liberdade (QUINTILIANO, 2007, p. 28).

A partir dessa análise assevero que a filosofia de Sartre não é uma reflexão abstrata e desinteressada, mas ela é um esforço de analisar o drama humano diante da descoberta de um mundo que não oferece mais nenhuma garantia.

A filosofia preocupa-se com o homem – que é ao mesmo tempo um agente e um ator, que cria e representa seu drama enquanto vive as contradições de sua situação, até que se fragmente sua individualidade, ou seus conflitos se resolvam [...]. É com esse homem que a filosofia deve, e de sua perspectiva própria, preocupa-se (SARTRE apud MÉSZAROS, 1991, p. 54).

A liberdade para Sartre pode ser uma experiência vivenciada de forma metafísica, mas é fundamental a passagem dessa experiência para uma realização de sua existência que é consecutivamente histórica. Essa ideia está presente na literatura sartreana, nos seus romances, e também na sua dramaturgia. As grandes narrativas não são mais importantes. Na pós-modernidade há o rompimento radical com a tradição. Por isso a metafísica em Sartre é pensada não como uma preocupação marcada pela distância que se abre entre a existência humana do ser e outra dimensão. Mas ela se caracteriza como um intenso mergulho na própria existência. O homem, para Sartre, é parte dessa totalidade que é o mundo, mais é também singularidade. Daí, Sartre pensa não em uma transcendência como fez as filosofias anteriores, mas em superar a obscuridade e a opacidade com que ela aparece. Ele acredita que a existência é um produto da contingência, porque nada está dado, mas deve ser construído. Posso afirmar que sua filosofia é uma filosofia de ruptura, na medida em que não admite a existência como algo fixado. É possível, então, considerar que suas ideias inauguram a pós-modernidade, pois ele adapta e inova o modo de refletir, escrever e a analisar a existência. Sartre insere diários, dramas, literaturas, biografias, ensaios de críticas e filosofia. Por essa razão Lyotard diz que há na pós-modernidade uma invenção imaginativa, e Sartre inaugura esse estilo.

A preocupação da filosofia de Sartre, então, não é com a essência, mas o foco é a existência, o sentido da vida em meio a um mundo que solapou todas as certezas, e, portanto, não tem a menor razão de ser. O que prevalece não é mais a continuidade, mas a ruptura, o corte, a descontinuidade e a circunstância. Ao assegurar isso, Sartre se inclui como um dos pilares da pós-modernidade, visto que coloca o indivíduo como sujeito autônomo e universal. Esse sujeito aparece autolegitimado pela liberdade. “O sujeito é um sujeito

concreto, ou suposto como tal, sua epopéia é a de emancipação em relação a tudo que o impede de se governar a si mesmo”(LYOTARD, 2013, p. 64). Na pós-modernidade, o sujeito é a medida de todas as coisas, é aquele que se faz por si mesmo. E não interessa mais de onde é esse sujeito, aonde nasceu, quem é sua família, sua nacionalidade etc. Esse sujeito não é e não está formatado.

A fórmula sartreana: “a existência precede a essência”, ou seja, não é dada previamente ao homem uma essência, mas é o homem quem a faz no decorrer da sua existência. Assim, o homem é marcado pela consciência da ruptura, do fim, da morte, porque o homem é o ser que tem a ideia da morte como uma questão para si mesmo. De acordo com Bauman o desejo de aniquilamento de ultrapassar as linhas fronteiriças e lançadas à liberdade dentro dos limites da incerteza, faz parte da angústia do homem pós-moderno. Do mesmo modo, esse homem que Sartre percebe é um homem mutilado e irreconhecível. É a descoberta do nada da existência, ou melhor, é o pavor da descoberta da existência que é quase vegetativa semelhante languinhoso (ONFRAY apud QUINTILIANO, 2007, p. 30).

A liberdade é o fundamento sem fundamento, e só resta ao homem escolher-se, nada vem de fora ou de dentro que ele possa receber. O homem na concepção sartreana está totalmente abandonado, sem nenhum apoio que ele possa agarrar. “Então a liberdade não um ser: ela é o ser do homem, quer dizer, seu nada de ser” (SARTRE, 1997, p. 545). Então ao buscar a identidade absoluta com o cosmo, com um ser “transcendente”, como quer o idealismo, o homem fracassa, e na ânsia de responder sobre sua existência, o homem cai no vazio, porque a existência humana não pode ser explicada, ela é absolutamente sem sentido. Portanto, na perspectiva sartreana, não há nenhum significado, a existência é radicalmente contingente.

Dizer isso é assegurar que o homem tem a liberdade absoluta, e encontra-se o tempo todo livre. Livre porque não está atrelado a nenhum outro ser que precisa desse para existir. Sendo o nada-de-ser, o homem não é como os outros seres que são determinados, ou seja, é o Em-si. O homem é, definitivamente, indeterminação, significa que, por não estar determinado, ele inventa seu ser o tempo todo, dizendo como Sartre é ser Para-si. A condição do homem, portanto, é existir absolutamente de forma contingente. Ele não pode fugir dessa forma de ser. Por isso Sartre afirma que é “esta facticidade que nos permite dizer que ele existe, embora não possamos jamais alcançá-lo” (SARTRE, 1997 p. 132), daí o homem é livre para escolher. Sua liberdade é plena que mesmo que decida não escolher, mesmo assim escolhe. É o ser que é obrigado a tomar decisão e não pode não decidir.

Entretanto, não escolhe suas circunstâncias: “Felipe II, é tendo sido, que meu amigo Pedro é, existe; é enquanto aparece em uma condição não escolhida por ele, na medida em que Pedro é burguês francês de 1942” (SARTRE, 1997, p. 128). Sartre, ao fazer essas colocações, afirma que mesmo livre para escolher essa ou aquela outra, o homem se encontra preso pela situação que não escolheu estar.

“As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. Mas o que não varia é a necessidade para ele de estar no mundo, de lutar, de viver com os outros e de ser mortal” (SARTRE, 1978, p. 16). O que Sartre entende com isso, é que as condições *a priori* mantêm-se dentro de aspectos objetivos e subjetivos. Objetivos, porque podem ser encontrados em todos os lados, e são facilmente percebidos. Subjetivos, porque possuem a possibilidade de serem vividos pelos homens que decidem livremente na sua existência. Na concepção sartreana os projetos humanos podem ser compreendidos mesmo sendo projetos individuais, ou que esses extrapolam determinada época. Ele acredita que só assim há uma universalidade do homem. A universalidade, portanto, insere-se no horizonte de sentido do homem, ou seja, posso compreender qualquer homem em quaisquer circunstâncias, porque as decisões tomadas são decisões livres, e próprias desse ser que é obrigado a escolher independentemente das circunstâncias. Essa universalidade de condição pode ser entendida aqui, como sendo o que cada homem poderia fazer se estivesse em circunstâncias determinadas. É a relatividade de cada época que é construída pelo homem, e é a possibilidade da escolha que cada um pode fazer independentemente do tempo, do lugar e da ocupação.

2. O ser-Para-si e o Para-si dos valores

A pós-modernidade é um momento fundamental para pensar o homem na sua individualidade. Sartre antecipa ideias que depois ecoarão com a problemática da angústia do homem pós-moderno. Para o filósofo “é o tempo da angústia e do heroísmo, do prazer e da destruição, basta um momento para matar e para ser morto, para se jogar o destino em um lance de dados” (SARTRE, 2002, p. 15). Assim, tomado pelo poder da consciência de si, o homem é um existente capaz de se fazer, em vez de apenas receber. A constatação da ausência de significações e de valores transcendentais não significa a impossibilidade de dar significado e valorizar a vida, o mundo. E Sartre é da opinião que todo sentido vem ao

mundo pela liberdade humana. A ontologia sartreana pretende, então, mostrar que o Para-si(o homem) surge enquanto consciência a partir do mundo. Como ser existencial o homem apreende-se como escolha em vias de fazer-se.

Este fato incaptável de minha condição, esta impalpável diferença que separa a comédia realizadora da pura e simples comédia é o que faz com que o Para-si, ao mesmo tempo em que escolhe o sentido de sua situação e se constitui como fundamento de si em situação, não escolhe sua posição. É o que faz com que eu me apreenda ao mesmo tempo como totalmente responsável por meu ser, na medida que sou seu fundamento, e ao mesmo tempo, como totalmente injustificável. Sem a facticidade, a consciência poderia escolher suas vinculações com o mundo, da mesma forma que, na República de Platão, as almas escolhem sua condição: eu poderia me determinar ao “nascido operário” ou “nascido burguês”[...]. A facticidade é apenas uma indicação que dou a mim mesmo do ser que devo alcançar para ser o que sou. Impossível captá-la em sua bruta nudez, pois tudo que acharemos dela já se acha reassumido e livremente constituído. (SARTRE, 1997, p. 133).

Essa nova ontologia proposta por Sartre coloca a realidade humana numa situação limite. O homem está diante de sua facticidade e descobre o sentido de sua inteira gratuidade. O homem se encontra em meio a situações que ele não pode alterar circunstâncias e acontecimentos que independem do indivíduo, sucessão de fatos que os indivíduos não podem modificar. Todo o real está envolvido numa teia de processos, mudanças, repetições que seguem uma lógica que está para além das forças do indivíduo. O homem se encontra com a sua facticidade. Daí o indivíduo apreende-se, como diz Sartre, estando aí para nada, um ser injustificável, supérfluo, habitando no mundo que poderia muito bem existir sem ele.

Entretanto para Sartre a consciência é poder de nadaificação. Esse termo genérico recobre, sobretudo, todas as operações “constituintes” que o idealismo atribuía à atividade do espírito. Assim, a consciência como nada, é o único poder constituinte de si e do mundo. A consciência é outro que não é o ser, e é por isso que ela é interrogação sobre o ser. Sartre propõe com isso uma nova teoria do cogito. Essa ideia foi discutida na pós-modernidade na medida em que há uma constatação da crise nas ciências no início do século XIX. Então, a partir disso se estabelece uma nova categoria do indivíduo, a de que: “o importante não é o que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que fazem de nós”(SARTRE, 2002, p. 61).

A existência não é algo necessário, simplesmente é um estar-aí. A existência é absurda, porque, apesar de ser contingente, o homem insiste em viver e buscar o sentido para existir. Afirmar que a existência é absurda é dizer que há um divórcio entre o sujeito e o seu cenário; entre o homem e o mundo; entre o eu e a realidade. O eu é o eterno

interpelador da realidade, e como resposta recebe o silêncio absoluto. O eu apela para que o real apresente o seu sentido e acaba por esbarrar no silêncio despropositado do mundo.

Mas para entender a questão do valor é necessário não se afastar do terreno da circularidade, ou seja, da consciência. A consciência e o âmbito das manifestações do ser em relação ao fenômeno, e surge como resultado da negação (aniquilamento) do real (Em-si) que aparece à consciência. Mas isso significa ao mesmo tempo a presença da consciência em face de si mesma. Por isso é Para-si, ou ser-Para-si. Consiste no seu puro aparecer, e é precisamente sempre o que não é. (cf. CORDÓN; MARTINEZ, 1995, p. 102). Sartre então novamente inaugura e antecipa para a pós-modernidade uma percepção sobre o homem que em outras filosofias isso não tinha sido colocada, a de que a consciência é o nada de ser. Sendo assim é ela, a consciência seu próprio nada. É ela que lança o significa ao mundo.

Na concepção de Sartre a maioria dos pensadores, tendeu para uma via do conhecimento em si mesmo, esquecendo-se de levar em conta o ponto de vista do ser (do existente), esse considerado como algo primordial, sem o qual é impossível conhecer. E, para Sartre é a única condição para responder sobre a possibilidade do conhecimento está na existência. Essa pode ser pensada sob dois aspectos: primeiro não há nada formatado, o que posso fazer são indicações subjetivas do mundo; a segunda é que o ser tem sua possibilidade fora de si, sobre suas próprias possibilidades de ser. Nesse caso, o que prevalece é a liberdade que a consciência tem de ser, “ser que não é o que é, e é o que não é” (SARTRE, 1997, p. 129). Na concepção de Sartre, a consciência é sempre transcendência, ou seja, é para além de si mesma. Ela é, portanto, abertura, sendo assim, projeta-se para o exterior, para fora de si.

Para Sartre, o Para-si constitui-se, fundamentalmente, como falta de ser. Essa condição é escolhida e determinada pelo Para-si, na medida em que se autodetermina não ser o Em-si. Diz ele: “É concreto e real, acha-se inteiramente presente no âmago da consciência como aquilo que ela se determina a não ser” (SARTRE, 1997, p. 135). A condição em que se encontra o Para-si, portanto, é a nadificação. Mas, precisamente é a nadificação que origina a transcendência como vínculo original entre o Para-si e o Em-si. Devo dizer que, para Sartre, a característica fundamental da natureza do Para-si é a falta. Posso estabelecer um paralelo como afirma Sartre: se disser que uma mesa não é um jarro, esses objetos permanecem inteiramente independentes e intocados pela negação daquilo que se afirma. Esta é uma relação externa e que só pode ser estabelecida pela constatação de uma realidade humana. A realidade humana é a única capaz de conferir, atribuir, significar e dar sentido ao mundo. Porque o homem não é categoria abstrata, é próprio da realidade humana, ser o ser da

abertura, o ser inacabado, o ser de linguagem, o ser histórico, o ser da inautenticidade, da finitude, ser-com, e é o único ser que pergunta pelo sentido.

Sartre defende que a falta coincide com o existente, por que o que existe se torna o faltante, ou seja, é própria da realidade humana a falta, a lacuna. No mundo humano, o ser incompleto se dá através da intuição. E é constituído em seu ser pela falta.

Ou seja, por aquilo que não é; a lua cheia é que confere à lua crescente seu ser como crescente; o que não determina o que é; encontra-se no ser do existente como correlato de uma transcendência humana, o conduzir-se para fora de si rumo ao ser que ele não é, bem como a seu sentido. (SARTRE, 1997, p. 137).

Ora, se a realidade humana é a única que percebe a falta, deve ser ela própria falta. Para que um ser seja faltante, é necessário, como diz Sartre, o reconhecimento de sua própria falta; somente um ser falto pode transcender o ser rumo ao faltado. Portanto, a falta só pode vir ao mundo pelo ser que é essencialmente falta. “Para que o homem possa questionar, é preciso que possa ser seu próprio nada, ou seja, o homem não pode estar na origem do não-ser no ser a menos que seu ser se tenha repassado de nada, em si e por si mesmo”. (Sartre, 1997, p. 91). O nada não pertence à natureza do Em-si, que é toda positividade. Ele só aparece ao mundo com a realidade humana. É através da intuição humana na qual faz a junção entre a falta e o existente que o nada surge. Se por exemplo, afirmo que a lua não está cheia e falta-lhe um quarto, admito esse juízo sobre a intuição plena de uma lua cheia.

A realidade humana não é algo que existisse primeiro para só depois ser falta disso ou daquilo: existe primeiramente como falta e em vinculação sintética imediata com o que lhe falta. A realidade humana é sofredora, porque surge no ser como perpetuamente impregnada por uma totalidade que ela é sem poder sê-la, já que, precisamente, não poderia alcançar o Em-si sem perde-se como Para-si. A realidade humana por natureza é consciência infeliz, sem qualquer possibilidade de superar o estado de infelicidade. (SARTRE, 1997, p. 141).

Então, o que é o valor para Sartre? Sartre afirma, em O ser e o nada, que o valor está para além do ser, em outras palavras, é pela realidade humana que o valor surge no mundo. É notório que o seu sentido fundamental é transcender àquilo que é atribuído a ele em relação ao ser a que ele está vinculado. “Todo ato valorizado é extraído do seu próprio ser rumo a. O valor está para além do ser, rumo à qual um ser se faz ser, em plena contingência e funda sua nadificação”(SARTRE, 1997, p. 144).

Desse modo, Sartre, argumenta que é somente por intermédio do homem que os valores surgem no mundo. A liberdade humana é o próprio ato de criar valores, isto é, o próprio ato de colocar um estado ideal das coisas como um puro nada presente e colocar a situação atual

como nada com relação a esse estado de coisas. (HUÍSMAN; VERGEZ, 1978, p. 350).

O homem, na sua concepção, é aquele que faz com que existam os valores, cuja tarefa é de que as exigências de tal missão irão determinar sua ação.

Portanto, a precedência da existência em relação à essência quer dizer que o homem parte do nada. É no próprio curso da sua existência que o homem tem que decidir o seu destino. O que vem pela frente está sempre em aberto, este será preenchido por um projeto, que é obra de uma escolha. Como não existe uma essência, previamente determinada, a escolha, dá-se a partir de uma liberdade em sentido radical. A realidade humana é livre no momento em que implanta o nada no mundo, uma vez que isso lhe é inerente à sua condição. Não há, então, como não ser livre. O homem pode encobrir a sua liberdade por meio do que Sartre chama de má-fé ou da recusa do exercício da liberdade. A liberdade é a característica da condição humana. Por isso, para Sartre, o homem está condenado a ser livre. Portanto, a realidade humana é livre no momento em que implanta o nada no mundo.

Todas as barreiras, todos os parapeitos desabam, nadificados pela consciência de minha liberdade: não tenho nem posso ter qualquer valor a recorrer contra o fato de que sou eu quem mantém os valores no ser; nada pode me proteger de mim mesmo; separado do mundo e da minha essência por esse nada que sou, tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido sozinho, injustificável e sem desculpas. (SARTRE, 1997, p. 84).

A filosófica de Sartre produz uma ontologia intrigante, porquanto a existência é definida em princípio pelo não-ser, pelo nada. Daí, tudo está por fazer, e o homem será o futuro que puder construir. Nesse sentido, posso dizer que o a filosofia existencialista de Sartre propõe um desafio avassalador e surpreendente, a de que ao homem cabe à tarefa de construir seu próprio mundo, sua vida, seu destino e todo seu projeto está em suas mãos. A ideia da liberdade defendida por Sartre não é um apelo ao desespero, uma vez que tal concepção “não visa de maneira alguma mergulhar o homem no desespero [...]. É necessário que o homem se reencontre a si próprio e se persuade de que nada pode salvá-lo de si mesmo”(SARTRE, 1978, p. 22).

Considerações finais

Por fim, é fundamental demarcar a importância que a filosofia de Sartre contribui e contribuirá para a História do Pensamento Universal. Criador da psicanálise existencial, Sartre

toca em pontos cruciais da existência. Sartre radiografou a alma humana. Num esforço fenomenal, Sartre consegue manter a vertente das re-narrativas que constitui uma das vias da pós-modernidade, uma vez que a escrita sartreana introduziu a auto ficção, instituiu o princípio da incerteza e a lei da alteridade no âmago da subjetividade, colocando as experiências autobiográficas como foco para pensar o indivíduo, numa escrita lúdica e paródica, o que permite o passeio criativo e imaginativo diante de uma realidade catastrófica, estéril e desprovida de uma finalidade.

A pós-modernidade é uma tomada de consciência da desordem, da complexidade dos principais problemas do século XX. A partir dessa leitura não é mais possível acreditar nas noções clássicas de verdade, objetividade, identidade, nas grandes narrativas e nos fundamentos únicos. Com a análise de Sartre tudo isso ruiu. A lente sartreana viu um mundo instável e imprevisível. Em Sartre o homem se encontra suspenso, ele se depara com a sua nadação, descobre que é o criador do significado e dos valores no mundo, e descobre que a liberdade é o seu modo de ser. O homem para Sartre ou é livre ou não é homem.

Referencias bibliográficas

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CORDÓN, J. M. N.; MARTINEZ, T. C. *História da filosofia, v.3*. Lisboa: Ed. 70, 1995.

HUÍSMAN, D.; VERGEZ, A. *Compêndio moderno de filosofia (a ação), v.3*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A, 1978.

LYOTARD, J.-F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MÉSZAROS, I. *A obra de Sartre: busca da liberdade*. São Paulo: Ed. Ensaio, 1991.

QUINTILIANO, D. *Engenho e arte: pós-modernidade e relatividade em Sartre*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

SARTRE, J.-P. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. In: _____. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Saint Genet : ator e mártir*. Petrópolis: Vozes, 2002.